

A N A M A R I A S O U S A N E V E S V I E I R A

Educação Social e Mediação Sociocultural



Índice

Dedicatória	9
Agradecimentos	11
Índice de acrónimos, códigos, siglas e abreviaturas	13
Índice de Gráficos	15
Índice de Imagens e Tabelas	17
Índice de Quadros	20
Índice de Figuras	20
Nota de Apresentação	21
Prefácio	23
Introdução	27
 Capítulo 1	
Da complexidade da escola contemporânea	37
1.1. A problemática	37
1.2. A escola como um microcosmo da sociedade	47
1.3. A pertinência do estudo	54
1.4. A patologização do social: a diferença como deficiência	60
 Capítulo 2	
Da educação e mediação	65
2.1. Da gestão da diversidade	65
2.2. Das tensões na escola	82

2.3. Do trabalho social	93
2.4. Da mediação em contexto escolar	110

Capítulo 3

A escola, funções pedagógicas e funções sociais

3.1. A escola contemporânea e a multiplicidade de papéis do professor	125
3.2. A dimensão social na escola: experiências e projectos sociopedagógicos	135
3.3. A territorialização das políticas educativas: o caso das políticas de educação prioritária	142
3.4. O contexto americano e a sua acção afirmativa: breve abordagem histórica	146
3.5. A Discriminação positiva no panorama educativo: algumas contribuições da territorialização política na Europa	148
3.6. O Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF): um projecto sociopedagógico	173
3.7. Projecto educativo, território e recursos sociopedagógicos	184

Capítulo 4

Da teoria e dos procedimentos metodológicos

4.1. Da teoria e definição do quadro metodológico	191
4.2. Dos procedimentos metodológicos e da sua integração	200

Capítulo 5

O TEIP da Praia: contexto e realidades

5.1. A Comunidade da Praia	211
5.2. O agrupamento escolar da Praia	212
5.3. Da imagem da escola da Praia	213
5.4. O projecto educativo: a diferença sociocultural na escola	215
5.5. O projecto TEIP	217
5.6. O ponto de vista dos professores sobre o TEIP	224
5.7. O trabalho social do professor: ser professor e ser mediador	254
5.8. Os PSTS e a mediação sociocultural em contexto escolar	258

Capítulo 6

O GAAF do Pinhal: contexto e realidades

6.1. A comunidade do Pinhal	265
6.2. A Escola Secundária do Pinhal	265
6.3. Da imagem da Escola	267
6.4. O projecto educativo: a diferença sociocultural na escola	269
6.5. O projecto GAAF	271
6.6. O ponto de vista dos professores sobre os GAAF	282
6.7. O Trabalho Social do professor: ser professor ser mediador	309
6.8. Os PSTS e a mediação sociocultural em contexto escolar	311

Capítulo 7

O Trabalho Social na Calçada: contexto e realidades

7.1. A comunidade da Calçada	317
7.2. O agrupamento escolar da Calçada	317
7.3. Da imagem da escola	318
7.4. O projecto educativo: a diferença sociocultural na escola	319
7.5. O Trabalho Social no GAAF e na Oficina de Comportamento	321
7.6. O ponto de vista dos professores sobre os GAAF	328
7.7. Ser professor ser mediador: o trabalho social do professor	355
7.8. Os PSTS e a mediação sociocultural em contexto escolar	358

Capítulo 8

Trabalho Social e Mediação Sociopedagógica: análise comparativa de três casos

8.1. Das escolas e seus territórios	363
8.2. Dos professores	366
8.3. Dos projectos educativos	373
8.4. Do trabalho social e da mediação na(s) escola(s)	375

Conclusões e prospectiva

Fontes e bibliografia

417

Prefácio

José Antonio Caride* e Américo Nunes Peres**

Necessitamos de (re)fazer a escola. De igual modo, precisamos de repensar a educação e, em todas as suas dimensões, as nossas particulares formas de acomodar a vida a determinados estilos de desenvolvimento, de partilhar a experiência e sermos sociedade. Desde há décadas – porventura séculos – não se encontra nada de novo nos nossos discursos, tão submetidos que estamos à urgência ética de acompanhar a reflexão com a ação, as ideias com os factos: *pensar o que fazemos e fazer o que pensamos*, outorgando um especial protagonismo aos sujeitos e aos contextos, à razão e às emoções. Cada sujeito, e todos os sujeitos, desde a infância até à velhice, são reconhecidos e afirmados na dupla condição de autores e atores de uma tarefa cívica que nos transcende historicamente; mas que, simultaneamente, nos desafia, na complicada e inacabada atividade que supõe procurarmos ser melhores pessoas, individual e coletivamente.

Nem uma coisa nem outra são fáceis. Menos ainda quando tudo nos parece indicar que os poderes – visíveis e ocultos – dos mercados nos situam perante um cenário de exclusões sem precedentes e, ao mesmo tempo, sermos atacados pelas consequências mais indesejáveis daquilo a que damos o nome de “crise”. Uma circunstância socioestrutural que se projeta num estado de ânimo coletivo marcado pelas perigosas derivas económicas e financeiras a que nos tem conduzido o neoliberalismo, pondo em realce até que ponto estamos governados pela cobiça que alimenta os fluxos de capital e as insaciáveis ambições especulativas. Mas também, aliás como em épocas anteriores, com uma clara carga de riscos inerentes aos modos de produzir e consumir insustentáveis que, para além das alterações que provocam no meio ambiente e seus ecossistemas, nos estão levando a uma deterioração progressiva dos princípios mais básicos de uma convivência guiada pelos valores da paz, da equidade, da liberdade, da democracia ou da justiça social.

Procurando enfrentar as crises, ainda que sofrendo alguns dos seus efeitos mais perversos, a educação e a cultura sempre nos situam perante a possibilidade de construir um futuro alternativo, dentro e fora da sala de aulas, nas escolas e nos diferentes

* Professor Catedrático de Pedagogia Social, Universidade de Santiago de Compostela

** Professor Agregado de Educação Intercultural, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

territórios que as envolvem. É o que a Professora Doutora Ana Maria nos recorda no texto que temos a satisfação e o privilégio de prefaciá-la. Não de qualquer forma, isto é, não apenas na vertente pedagógica ou curricular.

Há que alargar as leituras acerca das responsabilidades e dos compromissos cívicos dos agrupamentos escolares, fazendo sobressair a natureza social, cultural, política... da sua razão de ser institucional e das práticas educativas que com ela se promovem: a escola como um microcosmo da sociedade, permeável ao território e à vida quotidiana, em toda a sua diversidade. O que supõe imaginar uma escola cheia de oportunidades, aberta ao mundo e às suas realidades mais sensíveis, ao aprender a ser humano, comprometida de forma inequívoca com a formação integral das pessoas, academicamente sustentável e qualificada, emocionalmente livre e com a esperança na possibilidade infinda de se melhorar e de nos melhorar; uma escola que contribua para resolver positivamente as tensões e conflitos sociais, acrescentando o protagonismo de diferentes profissionais (educadores sociais, animadores socioculturais, mediadores culturais, etc.), que complementem e diversifiquem a função docente. Colaboradores ou cooperantes necessários para qualquer educação-formação que se reivindique integral, permanente, democrática, intercultural, inclusiva, extensiva ao longo da vida... Quer dizer, muito mais consequente com o que, desde meados do século XX, entendemos que deva ser uma educação que comece por não se trair a si própria, mostrando coerência em relação aquilo que proclama e pratica.

Isto é, com maior ou menor ênfase, aquilo que entendemos se deve promover correspondendo, assim, a qualquer educação que, para além de se reconhecer competente para "formar", assume os seus imperativos (trans)formadores. É este desiderato que se pretende ao invocar a Pedagogia-Educação Social e os múltiplos olhares que com ela se abrem a práticas educativas inovadoras, nos termos em que se propõe a "mediação" e a "animação", seja educativa, social e/ou cultural, face aos enormes desafios que a sociedade globalizada, da informação e do conhecimento traz consigo. É e será Pedagogia-Educação Social, como sublinha a professora Ana Maria, sempre que pretendamos inscrever as práticas profissionais nos trajetos – e não só nos projetos – que se promovam em, para e com a sociedade.

Sendo assim, importa dar visibilidade às experiências em que a escola é efetivamente para todos – uma escola centrada no ensino/aprendizagem em que a mediação sociopedagógica está conectada com a mediação sociocultural – que atende à diversidade da pessoa do aluno e desenvolve práticas de justiça curricular e social, de solidariedade e respeito pelas competências pessoais e profissionais de cada um, numa lógica de cidadania escolar e social sempre inconclusa, numa permanente abertura à realidade sociocomunitária.

Como refere a nossa autora, *para avançar no sentido de uma educação que seja cada vez mais social, trabalhada cada vez mais com processos de mediação, de diferenciação pedagógica e de aprendizagem cooperativa adequada para cada turma e aluno, não são precisas grandes reformas nem grandes alterações curriculares. Todavia, é imprescindível vontade de se tornar um mediador de conhecimento e de trabalhar com outros profissionais, também eles mediadores (...) no território educativo onde se inscreve a escola.*

Apesar de todos os constrangimentos, acreditamos que ainda é possível recriar uma escola pública de qualidade em que o diálogo interprofissional e interinstitucional possa ser o cimento desta autêntica comunidade de aprendizagem.

Estamos certos que a relevância académica e científica desta obra, enriquecedora sobre o ponto de vista da Pedagogia-Educação Social, permite a conscientização sobre a complexa realidade das nossas escolas, sendo também um contributo para a reconstrução de uma escola-educação para todos, inclusiva e convivencial, cidadã e intercultural, pública e democrática.